

O REVIRALHO

ORGÃO DO COMITÊ DE DEFESA DA REPUBLICA

Preço \$50 centavos
LER E FAZER CIRCULAR

*A liberdade de pensamento é a
mais nobre e legítima das aspirações
humanas.*

Este jornal não se submete
à censura

CRISE?...

Crise ministerial ou crise de sistema? Simples mudança de comparsas ou abolição do regime de Ditadura? Entendamo-nos e depressa para não sermos surpreendidos por habilidades que nos conduzam á mais tremenda das desilusões.

E' ponto assente que o Exército, ao tomar conta da Administração do País, não tinha um plano. O programa do 28 de Maio nunca existiu. Dizem-o organizadores do movimento. Afirmam-o muitos dos seus mais entusiastas defensores. O Exército para governar tinha de organizar um ministério. Para a sua constituição, a Força Armada não foi ouvida.

Neste acto essencial e de primacial importância para a justificação plena da atitude do Exército, intervieram, apenas, alguns militares que tinham propositos ocultos, e alguns civis que tinham grandes interesses a crear ou a defender. Exemplo dos primeiros: Esteves, Mota, Mendes, Norton, Sinel...; e dos segundos: os Irmãos Ulrichs — o da C. P. e Banco de Portugal, o do Banco Ultramarino, Companhia Nacional de Navegação e a maior parte das companhias coloniais.

O Ministério, uma vez instalado, começou a trabalhar sem bussola. Cada ministro passou a ser um consciente ou inconsciente — segundo os casos — apresentante das medidas que interessavam, someate, aos que os haviam feito ministros. Eis a razão da «obra» dispersa, desequilibrada, inconsistente e prejudicial ao País, da Ditadura. Só havia um pensamento comum, um unico ponto de concordancia: fingirem-se unidos, animados do desejo forte de serem uteis ao País. Um ministro apresentava em Conselho um diploma que mesmo á vista desarmada era denunciador de um acto de favoritismo evidente, com manifesto prejuizo da Nação. Muito embora os demais não concordassem, votavam, pela dupla razão — de manterem intacta para o Publico a frontaria e a de não quererem, quando lhes chegasse a vez, uma opposição embaraçosa.

Uma vez satisfeitos os grandes apetites dos financeiros e servidos os amigos mais chegados, em volta do governo começou a sentir-se uma menor pressão de apoio. Ao mesmo tempo, um ano e meses de Ditadura marcou no espirito publico e em especial no animo do Exército o desejo de julgar a sua obra. Que se viu? A inutilidade da censura, das prisões em massa, dos jornaes bem pagos pelo Tesouro Publico. Nem a Censura,

nem a Cadeia, nem o Réclame podiam ocultar a verdade dos factos. Internamente verificou-se: a anarquia na administração, a débacle financeira, a ruína económica, isto é, um ano e meses de Ditadura haviam empobrecido o País, e as suas colónias. O melhor do nosso Patrimonio Nacional, incluindo as possessões ultramarinas, nas mãos debeis ou interesseiras dos governantes, está em riscos de perder-se ou já se perdeu. Externamente a situação é bem peor, ainda. Deixaram-nos algemar a povos de quem deviamos ser amigos mas eguaes.

Ahí está em duas palavras o resumo da Obra da Ditadura.

Pergunta-se: a crise que se manifestou foi de comparsaria ou de sistema? De sistema decerto. Mais militares a governarem-nos com a Censura, sem a coparticipação do País, com as liberdades asfixiadas? Seis milhões de portugueses ainda mais tempo, ludibriados, batidos, villpendiados por uma quadrilha? Não. Ditadura Militar ou Civil, não. A experiencia foi dolorosa e sobretudo custosa. Basta. Para que meia duzia façam fortuna sacrificar um País inteiro? Não. De resto, não somos nós quem proclamamos a incompetencia, a felonía dos Ditadores. São eles proprios que assim se classificam mutuamente. A hipotese que formulámos realisou-se. Acabaram por comer-se como os grilos do Patagonia. Não mais grilos que enquanto se entre devoram, acabam por roer o que deste País resta. Basta e basta. Voltemos á Constitucionalidade, quanto antes.

EDIFICANTE

Os ditadores, numa das muitas crises... periodicas (mens-truum) convidaram o sr. Oliveira Salazar, economista da Companhia de Jesus, para Financeiro-Mór destes reinos. O preclaro Salazar aceitou com condições. O Governo insistiu:

— Venha e diga condições.

Salazar responde:

— Vou. Condição: cortar 400 mil contos no orçamento,

Governo:

— Não venha ainda, diga onde corta os 400 mil contos.

Salazar:

— Ainda não vou. Corto os 400 mil contos no Exercito.

Governo:

— Obrigado. Não venha.

Salazar:

— Não ha de quê. Fico.

O Salazar ficou, o Governo ficou e no orçamento ficaram so 400 000 contos. Tambem o Paiz ficou, mas desazado. Abençoada Ditadura.

O patriarca, numa pastoral, carta, prancha ou lá o que é, determinou que os catholicos não assistissem a corridas com touros de morte. O mesmo patriarca, presidente da comissão de rec- nstrução da Igreja do Estoril, promoveu em: Algés uma corrida com touros de morte. Muita gente vê nisto uma incoerencia, mas não: eles foram sempre assim—catholicos por devoção, judeus nos negocios.

SUBSIDIOS PARA A HISTORIA DA DITADURA

II

Decididamente vivemos em plena mentira.

O major Lobo da Costa deixa precipitadamente o governo Civil de Coimbra. Assume o comando do seu batalhão de caçadores 5. Comicamente publica uma nota «oficiosa» dizendo que o «seu Batalhão» é um dos pilares da Republica, um dos baluartes mais poderosos da Ditadura. O Ministro da Guerra é para ele e seus officiaes o Amigo, o Hospede, o Chefe. Em entrevista larga, relata os acontecimentos e a certa altura exclama:

«Caçadores 5 não faz o jogo de ninguem. Está e estará sempre ao lado da Ordem, pela Patria e pela Republica. E quem quizer leva-lo para outros caminhos que experimente!»

Sendo assim, porque motivo o Conselho de Ministros dissolveu o Batalhão?

Outra:

Esse inutil general Domingues que na fita de Sabado de Aleluia—*integralista*—era figura marcante e tudo nos leva a crer que via com bons olhos a fita integralista do dia 11, tambem falou ao publico. Depois de descrever-nos essa miseravel politica da Ditadura que transforma os quartéis em centros de politica activa com todas as consequencias temiveis para a disciplina militar, dizia isto no «Diario de Lisboa» que é fantástico, idiota, que nos emporcalha, que vexa toda a gente, do general ao corneia:

—Porque não foi preso ontem mesmo? perguntou o jornalista e pergunta toda a gente (referia-se o jornalista ao tenente Moraes Sarmiento.) Diz o general Domingues:

—Porque se tratava duma pessoa que estava fora de si e disposto a vender cara a vida, se alguém tentasse prendê-lo. Não havia necessidade de provocar uma scena sangrenta e esperou-se melhor oportunidade para o prender». Lê-se e não se acredita. Imaginemos todos que esta peregrina doutrina se converte em lei. Ha um individuo que entra numa casa e insulta quem nela está, bate nos circunstantes, e, por ultimo saca de uma pistola e começa aos tiros. Não mata por acaso, mas fere um individuo. De pistola em punho, sae para o meio da rua, vae aos cafés, conta á gargalhada a scena aos amigos, dorme tranquillo no seu hotel e abala para onde muito lhe parece no momento que quere. A policia conhece-o, vê-o, sabe onde reside, e não o prende. Porquê? *Porque estava exaltado e não se deixava prender.*

Estamos todos doídos ou querem fazer-nos passar por parvos e tolos? Não foi por medo de uma prisão movimentada que se negaram a deitar-lhe a mão. Mais perigosos são certos profissionais do crime e que a policia bem ou mal subjuga. Não acreditamos que um unico official do Exército a quem fosse dada a missão de capturar-lo, não a desempenhasse. O tenente Moraes Sarmiento não tem o monopolio de valentia do Exército Português. Porque o não prenderam, pois?

O que o inutil e integralista Domingues não disse no jornal e o País necessita saber é o seguinte:

Porque motivo estando na residencia do Presidente da Republica—como eles chamam ao Carmona—*cerca de sessenta pessoas*, o que ha de mais graduado no Exército, não houve um unico homem que se atrevesse a MANTER A ORDEM de prisão que o Carmona—no dizer dos jornais—deu ao tenente Sarmiento?

Porque motivo é que o tenente Sarmiento, longe de ser preso é acompanhado escada abaixo e até ao taxi que o esperava por ajudantes de ministros e um ajudante do Presidente da Republica?

Porque motivo é que não houve um unico homem civil ou militar, general ou tenente que lhe arrancasse da mão a pistola que disparára contra o Carmona e ferira um camarada?

A estas perguntas concretas é que queremos dar respostas claras. O que significa a Torre Espada no peito do João Belo? O que significam as outras condecorações? Valentia? Não, covardia, medo. Os penduricalhos foram lá parar por pedidos, supplicas, empenhos.

Porque motivo não está ainda preso o tenente Sarmiento?

Sabe-o o Governo e sabe-o o País que o Raul Esteves, o Amílcar Mota, o Craveiro Lopes, Freitas, o Sinel e tantos outros são integralistas e dos mais ferrenhos defensores de um governo Filomeno da Camara, substituindo totalmente o actual governo. Pergunta-se: foram presos? Continuam nos logares de confiança?

PELO GOVERNO CIVIL

O Sardanapalo da Parreirinha... ou o filho do Sapateiro a tocar rabeção

Mais um escandalo, chegado ao nosso conhecimento, e que vem ainda fresquinho. Conta se rapidamente a escandaleira praticada pelo Moura Cobra, filho do sapateiro alentejano Cobra: comprou dois automoveis—viva o luxo!—um por 90 contos e outro por 45. Recebeu de luvas a

A moralidade dos ditadores!!

Mais alguns escandalos

Essa miseravel troupe de bandoleiros que, em Lisboa e Porto, exercem a nefanda censura aos jornaes, cortam tudo o que de escandaloso para a situação se tem dado, especialmente nos ultimos tempos. Mas—e felizmente que assim succede—tudo se guarda. Por este meio—imprensa clandestina—ou amanhã quando a Liberdade não fôr um *mito*, tudo virá a publico.

Por agora algumas pequeninas amostras da moral de certos officiaes defensores da farça que para aí se está representando:

Os escandalos descobertos em varias tesourarias de regimentos de Lisboa, cometidos por officiaes da Administração militar avaliados, em determinada altura, em mais de 12.830 contos! Os jornaes falaram do caso alguns dias... mas veiu o lapis azul do miseravel Prata Dias e tudo ficou no rol dos esquecidos.

Mais 185 contos que foram roubados pelo integralista capitão Anibal de Azevedo, que se suicidou, e que se destinavam aos miseraveis serviços de informações do Ministerio da Guerra!

O roubo de 300 e tal contos (veiu uma só mas pequena noticia nos jornais) praticado pelo official tesoureiro da esquadrilha de caça, aquartelada em Tancos! O roubo de 400 contos na Casa de Reclusão da Trafaria em que nunca mais se falou!!

Temos ainda, alem de muitos outros, o recente caso do Asilo Maria Pia: um defensor da ditadura, nomeado director daquele asilo, ausentou-se com 260 e tal contos!!

E por aí fóra seria um nunca acabar! A seu tempo, com mais socego, com toda a liberdade, tudo virá a publico! É muito haverá que dizer e contar: é um chuveiro de escandalos!! Se tanto ditador, do general ao tenente, se *financia* deste modo, não ha pois motivo para o integralista das Finanças exigir um aumento de imposto? Ora se ha. Paga, Zé... e não refiles.

comissão de vinte por cento, ou sejam 27 contos! Achamos pouco. Mas o Cobra—grande amigo dos jornalistas que até para lhes poupar o esforço que eles faziam para subir as escadas do seu sindicato ordenou o encerramento deste,—instalou-se principescamente no governo civil: montou um quarto de cama, casa de banho e escritório, custando tudo 48 contos. Temos documentos. Receberia tambem comissão? Acreditamos que sim. Só a mobilia custou 16 contos!

E a fechar: á noite, pela calada, entram mulheres para o edificio e, ás tantas da madrugada, o governo civil transforma-se numa bacanal. Que o negue se é capaz! E enquanto o Cobra Sardanapalo gosa, tanto pobre em Lisboa a morrer de fome! O dinheiro da Assistencia Publica não pode chegar para tudo. O Cobra-Moura é dos tais que dizem: «a caridade bem entendida, começa por nós»... E, caramba, que começou bem!...

A autópsia dum "jongleur"

Inteligência, velhacaria, honestidade são três qualidades distintas num só homem verdadeiro — Brito Camacho.

Perora em conferências, blagueia entre amigos, todos riem e comentam: é velhaco, mas muito inteligente. Critica nos jornais, justa ou injustamente, os actos dos homens públicos do país, todos concordam: é velhaco, mas muito honesto.

Camacho, filósofo amador e discípulo dilecto do autor da teoria da metempsicose, tem incarnado o coração puro e imaculado dum pomba. E é assim que, quando o tumultuar das paixões atinge o seu auge, conspurcando nomes honrados, convulsionando a vida portuguesa, que por vezes leva ao desespero dum luta fratricida, recolhe tranquilamente ao remanso do seu tugúrio, entre os azinhalis do Alentejo, maldizendo a ambição dos homens, que os arrasta a perdição.

Ora, ou nós desconhecemos por completo o significado próprio das palavras ou a triplice qualidade atribuída a Camacho não passa de uma *blague* pesada com que os portugueses retribuem as facécias d'este *jongleur* que há desassete anos vem sendo mais perigoso para a República do que o mais acirrado dos monárquicos.

Vejamos:

Quando em outubro de 1910 soaram os primeiros tiros de revolta contra o regime deposto e os republicanos se apresentavam para uma luta de vida ou de morte, Camacho, em vés de encorajar com a autoridade do seu nome e com o brilho da sua pena aquéles que abnegadamente se expunham ao sacrificio, fazia trincheira da redacção do seu jornal e deitando a cabeça de fora perguntava com ares de ingénuo mas com o medo dos poltrões: *o que há como que a munir-se de um atestado de inocencia que lhe barrasse as portas da cadeia se a sorte fôsse adversa aos revolucionários.*

Proclamada a República, não querendo ficar atrás de Pitágoras, seu querido mestre, tratou logo de formar um cenáculo onde as suas sentenças fossem dogmas, as *blagues* seguidas de cadenciadas gargalhadas e uni-onamente se trocasse o *magister dixit* dos filósofos antigos por esta frase mais jovial e mais apropriada ao caracter das sessões: tem muita graça o Camacho! Conhecendo de sóbra que nem só de piadas vive o homem, aconchegou o melhor possível na mesa orçamental os seus proseliticos proporcionando-lhes mangedoura farta. Havia dificuldades na escolha do nome que perpetuasse tão veneranda assembleia. Os que mais apropriados eram ao caso açambarcára-os o Cabreira para as suas mirabolantes instituições com desrespeito absoluto da lei dos açambarcadores, mas o povo sempre generoso tirou o homem de apuros crismando com propriedade a patrulha camachista do partido dos *tubarões*.

Logo que reuniu o congresso republicano o nosso Camacho teve habilidades para esfrangalhar a coesão partidária que constituiria a força que levaria de vencida o regime monarchico e, satisfeito com a proesa, veio cá para fora fundar um partido a que pomposamente deu o nome da União Republicana. Jornalista com responsabilidades politicas limita-se a criticar o que se faz, tendo sempre a prudencia de nem ao de leve dizer aquilo que se deveria fazer.

Para este *jongleur* as eleições são uma burla, o parlamento uma farça. Não obstante, é vér o entusiasmo com que os galopins camachistas trabalham quando as eleições se avizinhavam, fazendo falcatruas, comprando votos, mentindo aos eleitores na áncia de fazer vencer o maior número de candidaturas possível. Quanto a farça parlamentar estamos de acôrdo e havémos de convir que um dos maiores farçantes que por lá tem passado é o Camacho.

Quando da entrada de Portugal na grande guerra funcionava o parlamento. Alguns deputados, sem que as leis a tal os obrigassem ofereceram-se voluntariamente para ir combater nos campos da batalha o inimigo. Só o nosso homem se insurgiu quando, competindo-lhe na escala marchar para a guerra como militar que era, foi chamado. Que não, que não podia ir, que era legitimo representante do povo, que o seu lugar de combate era na assembleia nacional. Habitudo a representar comédia no palco da politica portuguesa não se sentia com coragem para desempenhar ao vivo o papel de tragédia que os seus galdes exigiam.

Poltrão para se bater, tem sido suficientemente cinico para preparar situações que acabam sempre afogadas em mar de sangue. Criou o ambiente para as ditaduras de Pimenta de Castro e Sidonio Pais. Pois bem. Em vez de os auxiliar com o seu conselho, de os orientar com a sua pena, quando viu que o povo, cansado e perseguido, se preparava para os derrubar, abandonou-os e foi gosar as delicias da sua casa em Aljustrel.

Fazia Camacho acerbas criticas aos democraticos por nomearem para logares de responsabilidade creaturas sem preparação e falhas de escrupulos. Deu-se o caso que um dia vagou o Alto Comissario de Moçambique. Era preciso arranjar um homem que reunisse as qualidades indispensaveis - inteligencia e honestidade. Ninguém melhor que o chefe da chafarica do Calhariz. Convidaram-no, instaram com elle e o homem, mais com o desejo de se vér livre dos importunos do que de fazer obra que se visse, decidiu-se e foi. Ao mesmo tempo não deixava de sér agradável vér terras que só de nome conhecêra nos bancos da escola e armazenar mais um cento de piadas que substituissem as estafadas arias que todos os dias inpingia ao cenáculo dos *tubarões*.

Logo que chegou a Lourenço Marques receberam a visita do seu querido amigo Augusto de Vasconcelos que daqui fôra expressamente com passagens pagas por Hermmy. Do encontro dos dois nas paragens longiquas, resultou uma das maiores falcatruas de que tem sido vitimas as nossas colonias.

Comidos... e mal pagos

O sr. Yanguas, delegado do governo espanhol á conferencia sôbre as quedas de água do Douro, vindo a subserviência dos da Ditadura ante o seu país, já se dá ares de quem está em sua casa. Com um impudor significativo, em uma conferencia pública, atreve-se, dentro dos muros da cidade de Lisboa, dentro das fronteiras de Portugal, a dizer-nos inconveniências.

Aos portugueses que seguem com desconfiança a politica de absorpção que a Espanha vem fazendo, aos cidadãos livres d'este país que repelem a obra de traição do governo que nos está enfeudando á Espanha, aos homens de bem, de consciéncia serena, que não se vendem nem alugam aos ditadores espanhóis, o sr. Yanguas chama inconscientes e ignorantes. (Ver *Diario de Noticias*)

Abençoada inconsciéncia! Abençoada ignorância! E' a inconsciéncia dos que sentem gatunos a arrombar-lhes a porta e que dão o grito de alarme; é a ignorância dos que sentem um *ratonero* a meter-lhes a mão nos bolsos e a carteira fugir-lhes e que o prendem.

Os que sentimos já as garras aduncas do governo de um país vizinho ameaçando a integridade politica de Portugal somos ignorantes.

Os que denunciámos, com a alma cheia de revolta; o plano tenebroso de Rivera, concertado com os vários Carmonas da Ditadura para algemarem Portugal, somos inconscientes.

E quem no-lo vem dizer, com desplante, com audácia, com atrevimento?

Um espanhol, um lente de direito, um ex-ministro dos estrangeiros do governo de Primo de Rivera, que entre nós se encontra em missão official, representando o governo do seu país.

Nós é que podíamos dizer que o procedimento do sr. Yanguas revelou inconsciéncia e ignorância. Inconsciéncia, proferindo palavras desagradáveis e fazendo juizos de mau critico aos cidadãos de um país livre e independente; ignorância, não respeitando as mais elementares regras de cortezia,

Mas não. O sr. Yanguas é consciente e culto em demasia. Sabe o valor das palavras, mede-lhes a profundidade e a extensão. Como diplomata que é, tem sóbretudo o sentido da oportunidade em as proferir.

Não se trata, pois, de uma peça de fogo de artifício de oratória. O sr. Yanguas troçou, ridicularizou, feriu a frio cidadãos portugueses e em Portugal. O sr. Yanguas sabe que há uma censura férrea para os revoltados da politica internacional baixa e rastejante d'este governo desta Ditadura de imbecis. Julga que pode impunemente agredir, vaír os homens que se opõem aos ardis do seu governo, que por todas as formas tenta absorver-nos.

Sabe, e bem, que não se pode protestar a plenos pulmões neste país contra as manobras de envolvimento que os Riveras vêm fazendo; julga que em Portugal pode despedir com o bico da bota os adversários da sua politica, e, porisso, chama-nos *inconscientes e ignorantes*.

Com as suas palavras melifluas, com os seus argumentos de ponta e mola, com as suas pesetas tilintantes pode convencer meia dúzia de imbecis, comprar uns metros de galão dourado estendidos em braços vis, mas não vai mais fundo, nem mais longe.

Inconsciente e ignorante é Portugal inteiro. E a sua inconsciéncia e ignorância manifestaram-se em Aljubarrota, manifestaram-se em 1 de Dezembro de 1640.

O insulto que o sr. Yanguas pensou dirigir aos que escrevemos clandestinamente e aos que temos de falar aos ouvidos dos nossos concidadãos para que os esbirros da Ditadura nos não prendam, nem embaracem a nossa actividade politica e o nosso trabalho patriótico, alcança-nos, sim, mas vai mais longe, atinge, envolve, insulta o país inteiro.

Portugal prefere mil vezes ser inconsciente e ignorante mas livre e independente a ser consciente e culto como o sr. Yanguas algemado e cheio de opróbio, submetido a outro povo.

E' esta a resposta que o sr. Yanguas deve dar ao regressar a Espanha. Diga ao sr. de Rivera e aos demais que o apoiam e incensam que Portugal não está maduro, nem jámais estará para ser colhido pelo primeiro *rata* e pelo primeiro *coddottieri* do Reino Vizinho.

Ao Hermmy, senhor dos assucareos do norte da provincia, deu-lhe o Camacho o maior, o mais valioso, dos monopólios os abraços o da mão d'obra com a agravante do Estado sér obrigado a fornecer-lhe do que careça ainda que para isso tenha de empregar a força. Proesa semelhante faz agora o João Belo, mas mais modesta. Entregou em monopólio—*sui deneris* as assucareiras do sul ao dr. Cebola, de forma que o centro da provincia está com o Nazaréno no calvario—entre dois ladrões. Qual é o bom ou o mau, não sabem. O Camacho que escolha.

Este Camacho lembra-nos uma pequenina história que ouvi-moe em creança. Havia um saloio que se desfizera dum burro que possuía por estar cheio de manhas e já lhe ter experimentado a força das patas. Um dia foi ao mercado na mira de encontrar alimária que lhe servisse para os trabalhos caseiros. Topou com um negociante que lhe encareceu as qualidades dum burro que pretendia vender mas o saloio, reconhecendo que estava em presença da besta que tão mal lhe tratára as canelas, sem entrar em ajustes, aproximou os lábios da oréilha do animal e disse: *quem não te conhece que te compre.* E não fêz negócio.

A obra financeira do general José João Sinel de Cordes

Com este titulo, recebemos um bruhante artigo que — a muito pezar nosso — não podemos inserir na integra. E' demasiado longo para tão pequeno jornal. Respeitando o pensamento do illustre autor, vamos procurar reproduzi-lo, sem o alterarmos nas suas linhas gerais.

Diz o articulista que Judas Iskarioth fez escola. Os seus successores porém não o imitam na coragem de enforcar-se quando um dia os remorsos os assaltam. Os Judas não têm faltado em Portugal, na Monarquia e na Ditadura. Mais ou menos inteligentes, mas todos manhosos. A manha é uma instituição nacional. Sinel, Afreixo, Rodrigues & C.ª «provaram a efficacia da manha». Alcançaram-se no poder atraindo o general Gomes da Costa, o único que virilmente enfrentou as responsabilidades do 28 de Maio. Vitorioso o movimento, a firma citada subiu ao poder, e o Gomes da Costa foi atirado para os Açores. Se houvesse fracassado, a Sociedade Anónima João Belo, limitada, estaria comodamente gosando as delicias da vida, apoiando os Poderes constituídos e o general sofreria na prisão as consequências do seu gesto.

O principal Judas, o Manhoso, é João José Sinel de Cordes, general, Ministro das Finanças, agente encapotado da casa A. J. Piano Júnior, protector desvelado da Companhia de Tabacos, Companhia Nacional de Navegação, Banco Nacional Ultramarino (na qualidade de acionista da Sociedade Anónima João Belo, limitada), da The Match And Tobacco Timber Supply C.ª, e de varias outras Sociedades Anónimas, para onde drenou cerca de Trezentos mil contos, sem a menor garantia para o Estado. Lacaio de certas legações, onde se fabricam decretos que ele perfilha, e que são atentórios do nosso brio de Nação livre e independente.

Iremos com factos formular o libelo contra um general do Exército Português, que o mesmo Exército numa boa fé, quasi inconcebível mas desculpavel, aguentou um longo ano no Poder!

Acusamos Sinel de Cordes, do seguinte:

a) Alvaro de Castro, presidente do conselho e ministro das Finanças, ordenou um inquerito à Companhia dos Tabacos, de que foi encarregado o sr. Malheiros, Chefe da Contabilidade Pública. Apurou-se um débito da Companhia ao Estado de 10.100 contos. Alvaro de Castro ordenou que a Companhia entrasse immediatamente com esse dinheiro nos cofres públicos. A Companhia á sombra do seu contracto apelou para o Tribunal Arbitral. Aiada este Tribunal estudava o processo — e, tudo indicava que a sua decisão fôsse favorável ao Estado—quando Sinel surgiu ministro. O seu primeiro acto foi chamar a si o processo. Desta forma, deixou o Tribunal de se pronunciar sobre este conflito entre a Companhia e o Estado, para que Sinel se pronunciasse a favor da Companhia. Resultado: O Estado defraudado em 10.100 contos.

b) Um dia Sinel convoca uma reunião de banqueiros da praça de Lisboa. Para qué? Para salvar da falência certa duas ou três casas bancarias de Lisboa. Pediu o auxilio dos banqueiros. Foi-lhe recusado. Uma das casas que Sinel pretendia salvar era a de A. J. Piano Júnior, precisamente aquella onde o ministro das Finanças Sinel tinha varios negócios e letras protestadas, os protestos eram anteriores á sua ascensão ao poder. Conclusão: Piano Júnior, no entanto, salvou-se da falência. As célebres letras protestadas, desapareceram da circulação.

c) O Banco Nacional Ultramarino, o maximo cancro do Tesouro precisava de dinheiro. Sinel a pedido de João Belo empresta ao Banco e entrega de mão beijada Setenta e cinco mil contos ao juro de 5% ao ano, mas com alcavalas de tal ordem, que se o Banco quizesse não pagaria juros no primeiro nem no segundo ano. O Banco por sua vez desconta papel a 25 e 30% ao ano e transferencias não as faz, ou não as fazia. O lucro não é mau e parece-nos ter sido o melhor negocio da Sociedade Anónima João Belo, limitada...

d) A The Match and Tobacco Timber Supply C.ª, ramificação internacionalizada da Companhia dos Fósforos, precisava de dinheiro. Uma bagatela! Vinte mil contos. Pronto, eles aí foram! Sinel de Cordes autoriza o empréstimo e entrega o dinheiro. Note o leitor que neste tentaculozito financeiro pontifica o tenente-coronel José de Serpa, antigo chefe de gabinete do general Gomes da Costa e que foi a primeiro a trai-lo.

e) A Companhia Nacional de Navegação — que é B. N. Ultramarino — precisou de 30.000 contos. João Belo insta, Sinel não hesita e a Companhia recebe o dinheiro sem prestar a menor garantia. Note-se que este dinheiro nada tem que ver com certa negociata feita por conta das reparações e para a mesma Companhia, negociata feita em Hamburgo e em que os felizes armadores da Rua do Comércio receberam uma anuidade inteirinha por conta do que nos deve a Alemanha, isto com prejuizo de terceiros — operação a que não foi estranho o sócio João Belo.

f) Os empréstimos ás Companhias e Sociedades Coloniais não têm conto. Amboim, Cazengo e outras compartilham da chuva de ouro que este miserável ministro atira pela cornucópia raquitica deste pobre e quasi falido tesouro. Façamos justiça. O promotor destas negociatas é o João Belo, mas nelas entra como participante também o Cordes.

Resumo: Cerca de trezentos mil contos emprestados sem nenhuma garantia a toda e qualquer sociedade ou companhia que se chegou ao calor do ventre do sr. Sinel de Cordes...

Mas há mais:

O marquês d'Escuriava vem a Lisboa. Potentado da finança na pátria do Sr. YANGUAS MESSIA, traz o encargo de comprar ao Governo Português as acções que este possuia do Caminho de Ferro de Salamanca. Da os primeiros passos. Suspende repentinamente a operação. Quem surge no meio deste negocio? EDUARDO JONH, «brasseur d'affaires», estrangeiro inteligente e pernicioso para o nosso país. O digno subdito alemão arremata o lote de acções por quatro milhões de pesetas. Por sua vez vende esse lote a Escuriava por sete milhões, e quarenta e oito horas depois, este feliz especulador vende o mesmíssimo lote ao Governo Espanhol por nove milhões de bellissimas e pesadas peséetas. Que negociata foi esta? Quem roubou o Estado? Quem consentiu o roubo? Tu, leitor que o digas depois de faséres a tua dedução.

Remate trágico:

O Ministro da Alemanha procurou Sinel. Apellando para as boas relações entre os dois países, o ministro boche insinuou a conveniência de serem restituídos os bens ou prêsas de guerra que havíamos feito. Sinel hábil diplomata e rotundo patriota pede ao ministro alemão que redija éle próprio, na legação e pelo seu punho, os termos em que desejava a restituição. Assim foi. O decreto alinhavado por um diplomata estrangeiro esteve pronto para seguir para o Diario do Governo. Era porém preciso o *placér* do Ministro dos Negócios Estrangeiros. O dr. António Maria... Rodrigues — fez baixar o decreto a Comissão Executiva de Paz onde pontificam monárquicos — de resto nas Necessidades não podem pontificar senão monárquicos — e de que fazem parte alguns republicanos. Estes repudiaram altivamente o decreto que dois Ministros cúmplices tinham tido a coragem moral de fazer seguir pelas vias competentes, em lugar de o rasgarem, ou de, nem sequer o aceitarem, como o fizeram conscienciosamente.

Basta por hoje... visto que o Judas Iskarioth — o Sinel das Finanças — não imitará o Mestre enforcando-se numa figueira. Depois de tudo é deveras estranho que o Exército Português numa boa fé, quasi inconcebível, mas desculpavel tenha aguentado no poder, todo um longo ano, o general Sinel de Cordes.

Industrialização e nacionalização

Especuladores de má morte entretêm-se em lançar sementes de discórdia em todos os meios, para melhor atingirem os seus fins, que não são os nossos.

De uma vez para sempre repetimos o nosso léma: nem 28 de Maio, nem 27 de Maio.

Não acompanhamos ninguém na torpe campanha dirigida contra os chamados políticos; mas nem somos políticos, nessa acepção da palavra, nem abdicamos do direito de distinguir nos actos do passado os bons e os maus actos praticados.

Há uma coisa, porém, que formalmente afirmamos: — não somos solidários dos crimes da ditadura militar, antes atacamo-los rudemente.

Vamos ao nosso caso.

Alguem, especulando sobre o recente manifesto de Paris, faz a seguinte afirmação: os homens da Liga são contra a nacionalização dos serviços públicos, preferindo a fórmula da sua industrialização total.

Ora isto é menos exacto. No tocante ao próprio problema dos tabacos, não foi unânime a opinião dos emigrados e a sua maioria aceitou o principio da nacionalização, mas não na formula que se pretendia adotar em 1926, como imposta por um grupo, no que residiu o fundamental erro que tantos desastres nos trouxe. Unanimemente todos, porém, aceitavam um periodo de estudo longo e executado a sério. E igualmente por unanimidade, todos, regeitavam a solução da entrega das fábricas do Estado a qualquer empresa estrangeira, por considerarem isso como um erro económico inteuivo.

Unânime, egualmente, foi a opinião manifestada contra a fórmula como o governo actual resolveu o problema das linhas férreas do Estado.

Quem duvida, pois, que a Liga de Paris regeita a hipótese de qualquer nacionalização dos estabelecimentos do Estado de que dependem os nossos meios de defesa nacional? Para caírem nas mãos da The Match and Tobacco etc. C.ª, ou dos srs. marquêses castelhanos que tanto se interessam pelas rédes deficitárias do País su hermano?

Cuidado com os alviçareiros de má morte, com os eternos perturbadores da união que entre todos os republicanos se impõe e que se ha-de manter, custe o que custar e doa a quem doer.

O Noticias de 17 traz uma vasta fotografia do Carmona — Em baixo esta deliciosa legenda: *O sr. Presidente da Republica, ao entrar no Palacio do Congresso, vestido á paisana e sorrindo prazenteiramente, traduz quanto é tranquila a situação politica do país.*

Esta é mirifica. O sorriso barometro politico. Agora a paisana o sorriso prazenteiro indica... tranquillidade. E, se previdentemente o Noticias tivesse colhido um cliché quando o Carmona, rebojava pelo chão a levar pontapés do Moraes Sarmento? Sorriria não sorriria?

Eis a questão. Que exprimiria o sorriso se os labios polidos o tivessem frito! Tempestade, decerto. Sempre os do Noticias se prestam a cada uma? Quanto teria custado ao País esta fotografia do Carmona e a legenda mara vilhosa?... Sim, os do Noticias pagam-se bem, sabe-se.

TODOS MANDAM No Ministério da Galheta

menos o Senhor dos
Passos... e Sousa
e os republicanos!

Que desafôro é este? Em que País estamos nós? Na Patagonia ou na Hotentocia! Que autoridade moral e intelectual tem este Governo de poltrões para insultar os republicanos? Não, cavalheiros, vamos devagar. Um País inteiro não se trata com esta semcerimonia, com tamanha falta de pejo. Vamos a contas.

Se não fomos nós os republicanos a trabalhar na imprensa clandestina, o Governo por ordens á censura e por instruções á sua imprensa, tinha conseguido abafar totalmente a miseravel tragédia, a degradante scena de um ministério militar corrido á bofetada por um tenente. Se não fôra a imprensa clandestina republicana, este Governo de militares covardes, utilizando as mesmas armas, tinha procurado convencer o País que o *golpe de apache* havia sido republicano e não integralista. Mais. Procuraria demonstrar que o *golpe* havia sido dado por ordem da Liga de Paris e pago pelos soviets de Moscou. Para melhor convencer o publico, prenderia a esmo republicanos, tê-los-ia dezenas de dias incomunicaveis, fantasiaria apreensões de armamento. Para o estrangeiro faria expedir noticias de que havia jugulado uma nova revolução bolchevista para agradar aos ditadores de outros povos e merecer simpatias de outros governos.

Este plano foi tentado. Os jornaes do Governo jámais nas noticias que deram frisaram a natureza politica do golpe. As prisões de republicanos iniciaram-se e se não fôra tambem e primeira, a primeira —note-se—aragem da Amadora, a «Ideia Nacional» —integralista—não havia sido suspensa.

Reparem todos, todos os homens sérios deste País, nas profundas diferenças de linguagem da imprensa agora com o movimento integralista e na havida com o movimento de Fevereiro. E quanto á acção do governo?

Não, militares covardes, isto não vae assim. O País em menos de 24 horas, teve conhecimento de haverdes sido esbofeteados por um tenente. O País em 24 horas, todo o País foi tornado sabedor da vossa poltroneria. O País sabe já que o general Carmona foi tratado a pontapés, que o senhor dos Passos e Sousa, o Chefe do Exército, levou bofetadas de um tenente e fugiu, que o Belo, com todas as condecorações, incluindo a Torre Espada, levou com certo prazer fisico mas com manifesto prejuizo moral pontapés no fundo das costas e que fugiu, que o garoto da Justiça apanhou rijamente. O País sabe, sabe tudo. E o País, por temperamento, pode fechar os olhos e tolerar maus administradores mas não suporta, tem nojo de homens de galões que apanham... e calam. Nisto estamos assentes. Escusam de quererem fazer do Carmona um heroe, publicando-lhe fotografias diárias no *Noticias*. Acabem com a fita dos telegramas de felicitação. Isso não péga.

Vamos ao resto.

Julga o Senhor dos Passos e Sousa que o País não está informado de que a fita era integralista? Está. E o País sabe tambem que a fita era de muita quilometragem.

Que fez o governo? Prendeu e deportou o Filomeno. Prendeu o Fidelino. Prendeu dois capitães de caçadores 5. Dissolveu (?) este batalhão. Expulsou —mas ainda não prendeu, outra fita,—o tenente Moraes Sarmento. Mandou fazer um inquérito. Enviou para Mafra, mas não presos os officiaes de caçadores 5. Mais nada, absolutamente mais nada.

A quem quere o Governo enganar? Aos republicanos não, porque eles sabem já que não era só caçadores 5 que estava na fita. O País sabe que o movimento era preparado em Lisboa por um comité superior de que faziam parte Esteves e Mota. Sabe que artilharia 3, todos os *sempre fixes*, denominação que se usa para todas as formações de engenharia na guarnição de Lisboa, estavam comprometidos.

Sabe que um pouco antes do golpe e já depois dele dado, foram emissarios dessas unidades á Provincia pedir apoios, auxilios e transmitir ordens. Sabe que o telefone de caçadores 5 trabalhou *activamente* na noite do golpe.

E o resto que o País ainda não sabe, nós iremos dizer-lho por todos os processos.

Se por vagas e até anónimas denuncias republicanos foram e estão presos e deportados, pergunta-se porque motivo este Governo de covardes e de poltrões, tendo *provas* na mão da traição de certas unidades aquarteladas em Lisboa, não tem para esses conspiradores, não usa para com esses inimigos do Regime, um tratamento pelo menos igual ao que usou para com republicanos. Porquê? Porquê?

Porque — vamos nós dizer — quem manda ainda, quem cavalga o Ministro da Guerra, quem lhe dá de espora e o traz pelo bridão é o comité integralista. E' o Esteves, é o Amilcar Mota.

Admiram-se? Pois não ha de quê. Camaradas e amigos sabem que o P. e Sousa é estruturalmente burro, e que manda nele quem melhor lhe puchar pela arreata. E hoje a arreata está na mão dos Motas, dos Esteves, do monárquico Belo dos crachás e conde do Umbeluzi.

Jogo franco e cartas na mesa. Enquanto P. e Sousa e quejandos estiverem envergonhando o Poder com a sua presença, isto é dos monárquicos, isto é dos integralistas, isto é de todos menos dos republicanos. Esta é a verdade.

Apelamos para os homens honestos, para os portugueses de cabeça desempoeirada, para que nos digam se depois dos factos que apontamos, se depois de verem com os seus olhos a atitude havida pelo Governo agora com os integralistas e a que usou para com os republicanos, se temos ou não razão.

Poltrões e covardes militares que estaes no Governo, mandae-nos para Africa, para a Penitenciaria, para onde quizerdes, porque assim vos apraz, mas não queiraes, por serdes ditadores, fazer do branco preto e do preto branco. Portugal não é burro como o Passos e Sousa. Querer comer o País por parvo já nos parece burrice de mais.

Não, não e não. Isto deu o que tinha a dar, a não ser que no célebre programa de 28 de Maio estivessem inscritos estes *nobres* e *sagraaos* principios:

«O Governo da Ditadura composto de generaes e officiaes superiores do Exército e da Armada, muito embora esbofetado—de facto—por qualquer soldado, official inferior ou subalterno, imitará Cristo; levada a bofetada numa face oferecerá a outra, sofrendo o insulto com resignação evangélica».

e outro:

«Todas as pressões contra os republicanos são justificadas, ainda as mais atrozes. Só os integralistas e monárquicos farão o que em sua consciencia e real vontade lhes aprouver».

Se no programa do 28 de Maio — que ninguem leu — isto está escrito, o Governo pode ficar, porque cumpriu o programa, e muito bem.

Se não está, vão-se embora, vão-se embora o mais depressa melhor, por livre vontade, não vá crear-se uma Instituição publica, denominada Sociedade da Galheta Nacional Moraes Sarmento, que lhes traga constantemente a cara num bolo. Vá, vá... toca a fugir.

A união gera a desordem

Desde 28 de Maio, Altos Comandos e Ministros dizem diariamente ao publico que a União no Exercito é completa. Prova evidente: o ministio da guerra já dissolveu (por excessos de concordancia com a politica do Governo) as seguintes unidades: Regimentos de inf. 4 (Tavira); 6 (Penafiel); 9 (Lamego); 13 (Vila Real); 20 Figueira); e os Batalhões de caçadores 5 (Lisboa); 7 (Valença); 9 (Porto); artilharia 2 (Figueira); 3.º grupo de montanha (Amarante); 2.º Batalhão metralhadoras (Guimarães); 1.º Grupo Administração Militar (Povoa); Companhias da Guarda Republicana de Viana, Penafiel, uma do Porto, Faro, Janelas Verdes, Estrela, Alcantara. Se o Governo não fosse forçado a obedecer ao triunvirato integralista, ainda deviam ser dissolvidos: artilharia 3 (Lisboa); Sapadores de Caminhos de Ferro, batalhão de Telegrafistas de Campanha e a quasi totalidade das formações do Campo Entincheirado.

Juntemos agora as centenas de officiais deportados, emigrados, presos e os que aguardam o resultado do recente inquerito.

Mais uns mezes a manifestar se o Exercito da mesma forma «em concordancia» ao Governo e toda a força Armada do Paiz ficará reduzida ás pessoas do Carmona, P. e Sousa, Amilcar Mota, Mendes Norton, R. Esteves, e possivelmente do Macedo e o Pedrosa, e de alguns ajudantes que não se tenham demasiadamente comprometido em coisas de dinheiro. Ficarão é claro, tambem os Altos Comandos, mas esses quando tiverem de emitir opiniões, falarão somente em nome de vagas companhias de Deposito.

Quando tal se der — e o dia não vem longe — ainda leremos nos jornaes a noticia de chapa: O Exercito unido, mais do que nunca, está ao lado do governo e fiel ao principio do 28 de Maio! E ao mesmo tempo, o Belo, julgando ter colonizado as colonias, á custa dos officiais deportados sofrerá um «desgosto» sério, porque os «seus» colonos «in loco» julgarão — como não pode fazer-se na Metropole — a «obra colonial» do grande homem, e virão dizer-nos que essa obra se resume: á custa do Patrimonio colonial, encher os cofres do Banco Ultramarino, dar a amigos e correligionarios materia para se enriquecerem e pôr-nos em posição desgraçada ante as colonias visinhas.

Vae-se dissolvendo tudo. Regimentos, batalhões... Tudo a Ditadura vae dissolvendo, excepto o amor que o Povo tem á Republica. Um dia, proximo, o Povo mostrá-lo-á.

Falou o Pedrosa!...

A «Situação», por maldade, quiz colocar mal o Pedrosa — vulgo o general Ramboia.

A «Situação» sabe que sempre que o Pedrosa abre a boca, o Pedrosa cava a sua ruina. Ora o Pedrosa, coitado, depois de querer subir de posto, mercê de conquistas amorosas, abandonando o campo de operações do Apolo pelas Avenidas Novas, tem estado calado... Fizeram-no Marquez de Pombal e João Franco. Pedrosa calou-se. Levou bofetadas de um tenente; calou-se. Nem nos Conselhos de Ministros já o deixavam falar. Pedrosa calado e de chapéu de palha ainda podia ter apôrencia de alguém. Falando...

Pois a «Situação», para o fazer morrer mais ridiculamente do que tem vivido, entrevistou-o. A certa altura, o jornalista pergunta: qual a obra do Governo?

O Pedrosa irrompe tremendo e responde:

—Prendam, prendam o Moraes Sarmento. Prendam o tenente que nos bateu. Prendam no se querem ver de quanto somos capazes. Com ele em liberdade nada se pode fazer, não se pode trabalhar. Prendam-no e, depois, exijam trabalhos á Ditadura, que os vai dar bons.

Explicando o pensamento ramboiano do Pedrosa: até ás bofetadas do Sarmento, o governo aguardava um pretexto para trabalhar; depois das bofetadas, preso quem as deu, é que o governo com a dôr vae produzir.

Oh! Filosofo ramboiano, oh! mirifico Pedrosa, simbolo da Ditadura... oh! boca de oiro, se as tuas palavras não são o lenitivo para as nossas dôres, sejam ao menos pretexto para as nossas gargalhadas.

Muito cómicos

Para o ministerio dos Estrangeiros, foi do começo da ditadura nomeado um funcionario, pago pela verba do pessoal menor (serviços extraordinarios), que ninguem sabia as funções que desempenhava. Afinal veio a saber-se que o homem era um espião e passava a acompanhar o ministro para toda a parte.

Um correio, muito republicano mas muito leal a todas as ditaduras, formalisou-se e foi ter com o ministro declarando que em vista da falta de oonfiança ia ali entregar a farda!

O ministro disse que não, que não havia falta de confiança, em suma, que se o outro o acompanhava era porque sendo da policia de ligações tinha de acompanhar o ministro. O correio não se conformava mas o ministro teve um gesto teatral: abraçou o correio, velho republicano que acata todas as ditaduras e o homem resolveu não despir a farda.